

# Entre poetas: Sofia Parnók e Ossip Mandelstam

*Between Poets: Sofia Parnók and Ossip  
Mandelstam*

*Denise Regina de Sales<sup>1</sup>*

## RESUMO

Este artigo apresenta a tradução de um dos trabalhos de crítica literária de Sofia Parnók publicado na revista *Siévernyi Zapiski* em 1916. Parnók resenha a coletânea de versos intitulada *Kamien*, de Óssip Mandelstam. Assim como a sua poesia, as resenhas são precisas, aguçadas e vibrantes. Ao analisar o livro de versos de Mandelstam, ela se posiciona em relação ao passado, presente e futuro do autor, distinguindo três etapas em seu percurso criativo. A tradução tem o objetivo de ajudar a divulgar a obra dessa autora tão essencial para a compreensão das duas primeiras décadas da poesia russa no século XX.

Palavras-chave: *Sofia Parnók; Óssip Mandelstam; Crítica literária russa; Tradução.*

## ABSTRACT

This article aims to present the translation of one of Sofia Parnok's work in the realm of literary criticism. Her work was published in the magazine *Sievernyi Zapiski* in 1916 and reviews the Mandelstam's verses called *Kamien*. Like her poetry, her reviews are accurate, sharp and vibrant. When analyzing Mandelstam's book, she positions herself in relation to the author's past, present and future, distinguishing three stages in his creative journey. The translation helps to make Parnok better known in order to increase our understanding about the first two decades of Russian poetry in the 20<sup>th</sup> century.

Keywords: *Sofia Parnok; Ossip Mandelstam; Russian literary criticism; Translation.*

---

<sup>1</sup> Professora do Setor de Russo do Departamento de Línguas Modernas no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFRGS, nas linhas "Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais" e "Teoria, Crítica e Comparatismo".

**Petrogrado: Golike & Vilborg, 1916.**

151

A poeta Sofia Parnók, então com 31 anos de idade e 10 de atividade literária, lança sua primeira coletânea de versos – Стихотворения [Stikhotvorienia; Poesias].

**Petrogrado: Siévernõi Zapiski, 1916.**

A crítica literária Sofia Parnók, sob pseudônimo de Andrei Polianin, publica resenha sobre a segunda edição da coletânea de versos Камень [Kamien; Pedra], de Óssip Mandelstam (1891-1938).

**P**oeta, crítica literária, tradutora, Sofia Parnók viveu em uma época de efervescência cultural e política. As vanguardas poéticas e os movimentos revolucionários agitavam novas bandeiras e apontavam para

as mudanças que levariam à Revolução de 1917. A voz de Parnók soava num mundo poético habitado por Marina Tsvetáieva, Boris Pasternak, Anna Akh-mátova e Óssip Mandelstam, os quais ela chamava de “os quatro grandes”.

Na tradução apresentada a seguir, Parnók resenha a segunda edição da coletânea de versos de Mandelstam denominada Камень [Kamien, Pedra], com 67 poemas e publicação em 1000 exemplares. Com data de 1916, o livro saiu em dezembro de 1915, dois anos depois da primeira edição, com 23 poemas.

Esse texto faz parte das contribuições de Parnók à revista político-literária *Siévernyi Zapiski*, onde saiu também “Dias da lírica russa”<sup>2</sup>. Assim como a sua poesia, as resenhas são precisas, aguçadas e vibrantes. Ao analisar o livro de versos de Mandelstam, ela se posiciona em relação ao passado, presente e futuro do autor. As três etapas do percurso criativo do poeta – primeiro o maravilhamento, depois as dúvidas, e no final as concretudes – consistem em passos na vida.

Por isso escolhi substantivos para traduzir o trecho “не только художественный, но и душевный” [nie tolko khudojestvennyi, no i duchechnyi], que, de um possível “não apenas artístico, mas também espiritual”, chega a “não apenas da sua arte, mas também da sua alma”, mantendo o paralelismo e valorizando a presença do radical de “душа” [duchá, alma] no adjetivo *duchechnyi*<sup>3</sup> para marcar o que há de individual e vital nesse caminho divisado pela poeta e também para manter a ligação com a repetição de *duchá* nos parágrafos seguintes.

Os versos de Mandelstam citados foram traduzidos especialmente para este artigo, embora o poeta seja conhecido no Brasil, principalmente pela seleção feita para o clássico *Poesia russa moderna*<sup>4</sup>. Nele se encontra um dos poemas citados por Parnók: “Insônia. Homero. Velas rijas. Naves”, cujos dois últimos versos soam assim: “E o mar escuro, declamando, com clamor,/ Ruge e estertora à beira do meu leito” (p. 209).

O artigo de Sofia Parnók foi um convite a seus contemporâneos para que acompanhassem os rumos futuros da obra do autor. Aos leitores do século XXI, que podem divisar todo o trajeto de Mandelstam, renova-se o convite com essa tradução: que voltemos ao poeta guiados pela avaliação de Parnók.

2 Traduzido por Rafael Frate, com texto de apresentação de Paula Vaz de Almeida, na coletânea *Escritos de outubro*, organizada por Bruno Gomide e publicada pela Editora Boitempo em 2017.

3 O Dicionário russo-português de N. Voinova *et alli* (1989) oferece as seguintes traduções: da alma, do espírito, espiritual, moral; sincero, cordial. Priscila Marques apresenta uma nota esclarecedora sobre esse adjetivo, traduzido como “anímico”, em contraste com “духовный” [dukhovnyi], em sua tese de doutorado (nota 64, p. 114).

4 O livro foi fruto da colaboração entre Augusto e Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, responsáveis pelas traduções. São cinco os poemas de Mandelstam: “Nos bosques, ouropêndulos. Vogai...”, “Insônia. Homero. Velas rijas. Naves”, “A Era”, “Vivemos sem sentir o chão nos pés...”, “Do *Caderno de Vorônia*”, (p. 207-213).

O livro de Óssip Mandelstam é interessante porque nos apresenta o percurso criativo do autor – não apenas da sua arte, mas também da sua alma. Nele estão esboçadas com nitidez três etapas desse percurso.

No início o poeta olha, ainda sem contemplar, a sua poesia é a poesia dos cinco sentidos, simples e alegremente ele se maravilha com o mundo e com a própria alma, que ainda:

Nem mesmo consegue falar,  
E nada como um jovem golfinho  
Pelos grisalhos sorvedouros do mundo.

O poeta ainda não cria, ele apenas dá nome a tudo que vê, ouve e sente, e dá nome sem refletir, em arrebatamento. A esse período estão relacionadas as *natures morts* encantatórias: “No esmalte de pálido azul”, “O vagaroso enxame de neve”, “Uma tristeza indescritível”.

O pensamento sobre a morte assinala o início do segundo período, de transição.

Será que sou real,  
E virá a morte de verdade?...

... Ei-la então – verdadeira  
Ligação com o mundo dos mistérios!  
Que angústia opressiva,  
Que tragédia sobreveio.

Dúvidas sobre a realidade de si mesmo – de sua própria existência e morte –, nascidas, sem dúvida, da consciência de tudo isso, o tempo todo capazes de fazer com que o coração e o pensamento anseiem pelo arrebatamento da vida, conduz o poeta em direção a tudo de concreto, a tudo que confirma a realidade da existência do mundo e, por conseguinte, do eu humano. “E a morte virá de verdade”, enquanto isso “no vidro da eternidade já pousou a minha respiração, o meu calor”, e assim é imprescindível confirmar todo testemunho da vida passada e presente, que seja passageira, mas real. E eis a terceira etapa do caminho criativo do poeta. Sob o signo da morte, adquire um significado doentio. Torna-se impressionante a participação nas imagens do poeta não apenas de coisas, mas de nomes próprios – Batiuchkov, Dumas,

Verlaine, Sebastian Bach, Edgar Allan Poe, Charles Dickens, Sumarokov, Ózerov, Ossian, Bonaparte, Metternich, Beethoven, Flaubert, Zola, Homero, Racine – uma série inteira de concretudes maravilhosas e irrefutáveis, que falam ao poeta sobre a realidade do mundo e, portanto, da sua própria alma.

São extremamente míopes aqueles que, confundidos pela abundância de coisas e nomes na poesia de Mandelstam, passam a ver no poeta algo de um colecionador ilustrado, simplesmente um esteta talentoso. A eles podemos responder com as palavras do próprio poeta:

Eu não reverenciei a terra  
Antes de encontrar a mim mesmo.

O caminho do artista é o caminho da autoafirmação e esse, que Mandelstam escolheu – humano, compreensível e legítimo, leva-o ao páthos da concretude. Os versos de Mandelstam não são apenas exuberantes e imponentes, eles são comoventes.

A palavra, como material da arte da criação poética, encontra-se em harmonia com a personalidade criativa do poeta; é uma massa farta, sólida, resistente. A obra de Mandelstam está na *estatuária* da palavra. E, além disso, o poeta não apenas não está em hostilidade com a música, mas, ao contrário, mantém uma estreita relação com ela: a sua *Pedra* é uma pedra cantante. O poeta atinge o verdadeiro virtuosismo do ritmo – como, por exemplo, nos versos “Hoje é um dia ruim”, transmitidos como se fossem o batimento do coração:

Oh, o pêndulo das almas é severo –  
Oscila surdo, direto,  
E com paixão bate o destino  
À porta para nós fechada.

Nos versos “Insônia, Homero, velas tesas”, um passo lento, majestoso:

E o mar negro, assobiando, barulha  
E com grave estrondo vem à cabeceira.

Nos versos: “E até hoje no monte Atos” – um transbordamento de canção arrebatador:

E até hoje no monte Atos  
Cresce uma árvore encantada.  
Na escarpada e verde encosta,  
O nome de Deus canta.

E, finalmente, nos belos versos: “Eu não escutei os contos de Ossian”, em que a escultura e a música fazem amizade, obedecendo ao poeta, em versos que temos vontade de saber de cor – sente-se aquela tensão espiritual, e por consequência formal, pela qual de centenas de versos logo se distingue o autêntico, e que é o verdadeiro sinal da autenticidade da obra de arte.

A imagem do poeta como mestre da palavra apresenta-se já com grande precisão. No que se refere à concepção de mundo, é o trabalho de toda uma vida humana; na *Pedra* de Óssip Mandelstam abre-se diante de nós o início desse caminho, e ele é tal que nos faz esperar com interesse as próximas coletâneas do poeta.

1916

## Texto original: О. Мандельштам. Камень. Стихи.

«Гиперборей». Петроград, 1916. Цена 1 руб. 25.

Книга О. Мандельштама интересна тем, что являет нам творческий путь автора, не только художественный, но и душевный. В ней явственно намечаются три этапа этого пути.

Вначале поэт глядит, еще не созерцая, его поэзия -- поэзия пяти чувств, он попросту радостно дивится миру и своей душе, которая еще:

Не умеет вовсе говорить  
И плывет дельфином молодым  
По седым пучинам мировым.

Поэт еще не творит, он только называет все видимое, слышимое, чувствуемое им, и называет бездумно, с упоением. К этому периоду относятся очаровательные *natures mort'*ы: «На бледно-голубой эмали», «Медлительнее снежный улей», «Невыразимая печаль».

Мысль о смерти знаменует начало второго, переходного периода.

Неужели я настоящий,  
И, действительно, смерть придет?..

...Так вот она настоящая  
С таинственным миром связь!  
Какая тоска щемящая,  
Какая беда стряслась.

Сомнения в действительности себя, -- бытия своего и смерти, -- рожденное, разумеется, сознанием их, во все времена делавшее сердце и мысль жадными к упоению жизнью, устремляет поэта ко всему конкретному, ко всему, что подтверждает реальность существования мира и, тем самым, человеческого я. «Действительно, смерть придет», а меж тем, «на стекла вечности уже легло мое дыхание, мое тепло», необходимо, следовательно, утвердить всякое свидетельство жизни минувшей и нынешней, пусть преходящей, но сущей. И вот третий этап творческого пути поэта. Под знаком смерти обретает болезненную значимость. Становится разительным участие в образах поэта не только вещей, но и имен собственных. -- Батюшков, Дюма, Верлэн, Себастиан Бах, Эдгар По, Чарльз Диккенс, Сумароков, Озеров, Оссиан, Бонапарт, Меттерних, Бетховен, Флобер, Золя, Гомер, Расин, -- целый

ряд прекрасных, *неопровержимых* конкретностей, говорящих поэту о реальности мира и, тем самым, его собственной души.

Весьма недаленовидны будут те, которые, смутясь обилием вещей и имен в поэзии О. Мандельштама, увидят в поэте некоего просвещенного коллекционера, попросту талантливого эстета. Им можно ответить словами самого поэта:

Я земле не поклонился  
Прежде, чем себя нашел.

Путь художника -- путь самоутверждения, и тот, который избрал О. Мандельштам -- человеческий, понятный и законный -- приводит его к пафосу конкретности. Стихи О. Мандельштама не только пышны и торжественны, -- они патетичны.

Слово, как материал стихотворного искусства -- в гармонии с творческой личностью поэта; оно -- насыщенная, прочная, твердая масса. Творчество О. Мандельштама -- в *ваянии* из слова. И вместе с тем, поэт не только не во вражде с музыкой, а, наоборот, -- в крепком союзе с нею: его «Камень» -- поющий камень. Поэт достигает истинной виртуозности ритма, -- так, например, в стихах «Сегодня дурной день» передано как бы сердцебиение:

О, маятник душ строг --  
Качается глух, прям,  
И страстно стучит рок  
В запретную дверь к нам.

157

В стихах «Бессонница, Гомер, тугие паруса» -- медленная, величавая поступь:

И море черное, витийствуя, шумит  
И с тяжким грохотом подходит к изголовью.

В стихах: «И поныне на Афоне» -- упоительный песенный разлив:

И поныне на Афоне  
Древо чудное растет.  
На крутом зеленом склоне  
Имя Божие поет.

И, наконец, в прекрасных стихах: «Я не слышал рассказов Оссиана», в которых скульптура и музыка сдружились, покорствуя поэту, в стихах, которые хочется знать наизусть -- чувствуется та духовная и, следовательно, формальная напряженность, по которой из сотни стихотворений сразу отличила настоящее, и которая *есть* верная примета подлинности произведения искусства.

Образ поэта как мастера слова, выступает уже с большой определенностью. Что же касается мирозерцания, то оно -- труд целой человеческой жизни; в «Камне» О. Мандельштама открывается нам начало этого пути, и оно таково, что заставляет с интересом ожидать следующих сборников поэта.

## Referências

PARNOK, Sofia. “O. Мандельштам. Камень. Стихи” [O. Mandelstam. Kamien. Stikhi.] Disponível em <http://www.ndolya.ru/zhslovo/sv/sp/?r=kritika&id=5> Acesso em 05.10.2020.

CAMPOS, A.; CAMPOS, H.; SCHNAIDERMAN, B. *Poesia russa moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GOMIDE, B. (org.). *Escritos de outubro*. Trad.: São Paulo: Boitempo, 2017.

MARQUES, P. N. *O Vygótski incógnito: escritos sobre arte (1915-1926)*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo (SP), 2015. Disponível em <https://bit.ly/3fWX9Wb> Acesso em 05.10.2020.

VOINOVA, N. *et al. Dicionário russo-português*. Moscou: Edições Russki Iazyk, 1989.